



BOLA FORA

"Vamos ganhar daquelas negas."

VIRNA,
jogadora de vôlei, ao se referir às rivais cubanas

BOLA DENTRO

"Com tanta miséria no Brasil, fica complicado querer fazer do país uma potência olímpica",

GUSTAVO KUERTEN,
o Guga, caindo na real.



CORREIO BRAZILIENSE

ESTEEÉ

MEU!

EDITOR: KIDO GUERRA SUBEDITORA: FERNANDA LAMBACH EDITOR DE ARTE: RICARDO LIMA TELEFONE: 342-1149 E-MAIL: emeu@cbdata.com.br QUARTA, 27 DE SETEMBRO DE 2000 - Nº 88

IMAGINAÇÃO OU REALIDADE?

"Mistura de raça/O povo se abraça/Sorriso contente/Em toda essa gente." Com versos como este e desenhos tão inspirados quanto, crianças de Brasília fizeram um livro mostrando sua visão da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente. A obra foi publicada no ano passado e agora pode ser consultada na página www.educanet.net/unicef/listado.asp do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

O livro *Um sonho chamado Brasil* é resultado de um projeto do Unicef, que envolveu escolas de 76 países. A escola brasileira escolhida foi a Escola Classe da 113 Norte. O objetivo era fazer um livro dos alunos, sem a interferência dos professores, que participavam apenas da revisão gramatical dos textos.

"O primeiro passo foi mostrar aos alunos que eles eram capazes. Depois do trabalho, eles viram o resultado e se convenceram de que podem fazer algo importante", disse Fábio Faria Gachet, professor de português. Uma prova desse convencimento é Natacha Kadhija Paixão, que estava começando a gostar de pintura quando começou o trabalho. "O livro foi uma inspiração, um incentivo. Agora quero fazer arquitetura e desenho industrial."

Carlos Vieira 02.08.99



AULA NO PICADEIRO

EM meio ao cerrado, escondidos entre o Supremo Tribunal Federal e o Setor de Clubes Sul, centenas de pessoas vivem como animais. Lá, as crianças tomam banho no mesmo lugar em que os cavalos bebem água. Com os pés descalços, pisam no chão de terra infestado pela sujeira dos animais.

Apesar de toda a miséria que se vê, essa invasão é diferente das outras. Entre as dezenas de barracos de papelão ergue-se, muito mais alta, uma colorida lona de circo. Lá, cerca de quarenta crianças — entre dois e oito anos — fazem a pré-escola. Além de aprender a escrever as primeiras letras, elas saem para passear na cidade e têm a chance de brincar com tintas e lápis de cor. Enquanto estão no circo, elas são tratadas como crianças. Quando saem, têm de trabalhar para ajudar o pai e a mãe. "Mas isso já está mudando", comemora Rodrigo Garcia, professor dos meninos. "Hoje, os menores não trabalham tanto. Só ajudam a cuidar da casa e dos irmãos." Antes do circo chegar, tinham de ir catar lixo nas ruas com os pais.

Um dos maiores problemas enfren-



"NÃO TENHO VERGONHA DE VIVER AQUI. SOU FILHO DE UM HOMEM TRABALHADOR E TENHO ORGULHO DISSO."

JOHNY ALVEZ DE SOUZA,
11 anos

tados pelos meninos da invasão é o preconceito. Johny Alvez de Souza, 11 anos, por exemplo, adora estudar. Só não gosta de ir para o colégio, que fica na Vila Planalto. Segundo ele, os outros meninos o tratam mal porque ele mora na invasão. "Acho errado eles caçoarem de mim", afirma. Apesar da discriminação, ele não esconde o local onde mora. "Não tenho vergonha de viver aqui. Sou filho de um homem

trabalhador e tenho orgulho disso."

A tarde, Johny é ajudante do tio Rodrigo. "Venho para o circo brincar e aproveito para ajudar os meninos pequenos a ler e escrever." Para as crianças menores, o circo-escola é o melhor lugar do mundo. Lá, eles podem realmente ser crianças, como explica a lourinha Cláudia da Silva, sete anos. "Se não estivesse aqui tava varrendo a casa", conta.